

De “Repente” a  
“Embolada de  
Gênero”: embates  
entre as “novas”  
e “antigas”  
identidades de  
gênero vinculadas  
as Masculinidades  
Embucetadas  
TALIBOY

## 1. “DE OLHO NO LANCE”

Esse texto é resultado do conjunto das práticas visuais das *Masculinidades Embucetadas* que passei a desenvolver ao adentrar no doutorado no Programa de pós-graduação de Artes da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (PPGArtes-UERJ), e foi por via dessas práticas que chego ao Rio de Janeiro, vindo da Bahia, depois de uma vivência entre o semi-árido/sertão (Vitória da Conquista, interior) e o litoral (Salvador, capital) – meio a meio, 19 anos em cada lugar, sendo profundamente transformado em cada uma destas experiências.

Em 2022 experiencio essa outra cidade que é o Rio de Janeiro, da qual só havia estado uma vez na infância, por poucos dias, e tenho lembranças de, na mesma época, ter a presença constante, companheira das bolas de futebol. Bolas essas que agora tenho retomado e têm sido a porta de entrada, ou o dispositivo - que tem me levado a conhecer um pouco mais do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro/RJ.

A ideia inicial deste trabalho foi espalhar mais de 100 bolas de futebol das *Masculinidades Embucetadas* pelos espaços público da cidade do Rio de Janeiro/RJ e então observar, através de uma câmera escondida, as interações sociais, situações inusitadas e o que mais essas bolas poderiam revelar/despertar/suscitar com sua presença física nesses espaços e sujeitos. Os lugares/territórios escolhidos foram vias públicas, praças, centro da cidade, calçadão da praia, lugares de grande circulação de pessoas e pontos turísticos do local.

Foi pensando em balançar as redes das certezas de gênero, assim como trazer as outras formas de masculinidades invisibilizadas, principalmente aquelas presentes em corpos com vulva (ALMEIDA, 2012; HALBERSTAM, 2008), que esse trabalho foi se construindo. Contando com o aspecto simples, mobilizador e agregador que uma bola de futebol pode despertar nas pessoas que circulam pelos espaços urbanos, observar as possibilidades de zonas de sociabilidades e de indiscernibilidade de gênero, mesmo que momentâneas.

Assim, as bolas de futebol se apresentam como possibilidades de pregar peças dentro das normatividades, funcionando através de uma lógica antiga de se deixar “presentes” em formato de “cavalos de tróia” (presentes que, na verdade são armadilhas) pela cidade, que, ao serem levados para o interior dos espaços privados, possam gerar questões que apontem para os assuntos de ordem pública envolvendo as invisibilidades e resistências das *Masculinidades Embucetadas*.

Tenho entendido que as angústias iniciais que me fizeram criar este trabalho, são da ordem dos atravessamentos sociais sobre minha própria dificuldade em lidar com a masculinidade hegemônica, sendo um corpo transmasculino, feminista e, também sapatão. Ou seja, como perceber em mim e no “outre”, o impacto e os tremores de terra (PRECIADO, 2020) ocasionados pela emergência das “novas” identidades dos homens trans, das pessoas transmasculinas e/ou inconformes de gênero (HABIB, 2021; DAVILA, 2014; ALMEIDA, 2012) sobre

as “antigas” identidades, vinculadas às masculinidades em corpos com vulva, como as chamadas mulheres-macho e/ou sapatão. Nesse sentido, trago “novas” e “antigas” identidades de gêneros entre aspas, pois, a partir de uma mirada ou giro decolonial, o que é “novo” passa a ser “antigo” e o que é “antigo” na verdade é o “novo”.

Assim, nesse trabalho, me aproprio do corpo/imagem do homem cisgênero enquanto suporte de visibilidade para trazer a campo essas outras tantas identidades que me compõe. São táticas, ou a forma que encontrei para trabalhar a aceitação das outras masculinidades, inclusive àquela que me habita, como o que já são, no caso, diferentes e, portanto, não hegemônicas. Visto o quanto a norma opera justamente, para além de nos confundir apagar as nossas diferenças, como se todas essas masculinidades fossem cópias malfeitas, portanto, hierarquicamente, colocadas como inferiores da masculinidade opressora e normativa.

Considerando isso, trago as provocações acerca do que pode nos revelar a inversão dessa lógica? Quando o que está em evidência é a cópia mal-feita, agora, da própria norma. E mais uma vez recolocar a pergunta: nesse jogo das masculinidades, entre as novas e antigas formas de nomeação, quem copia quem?

E é sobre a *Embolada de Gênero*, título desse trabalho, que compartilho o presente texto enquanto *escrita de artista*, em que o “fazer é pensar” e o “pensar é fazer”, lugares de ação/teoria enquanto zonas de indiscernibilidade, que possibilitam o desentendimento da pesquisa e a possibilidade de acessar pontos cegos que, um trabalho de cunho mais científico e teórico não poderia acessar, de maneira a testar “[...] os limites da experimentação, da experiência e aplicação direta na realidade, buscando alterá-la, criar ruídos e transformá-la, ao mesmo tempo em que se é também transformado por essas mesmas ações-teorias. (TALIBOY, 2022, p. 88)

É importante pontuar que em muitos dos espaços onde coloquei a bola, era também a primeira vez que pisava naqueles territórios, ou era por eles movido em uma interação e investigação pela “potência do imediato da experiência” que tenho elaborado, há mais de 15 anos, enquanto conjunto de práticas visuais que almeja instalar dentro do “estado poético” as questões de ordem do social, das identidades e demais marcadores da diferença, criando assim um tensão entre a poética, o político e o real, capaz de abrir outros espaços e alargar nossos horizontes de entendimentos individuais e sociais das opressões, bem como dos espaços de liberdade e autonomia.

Para isso, utilizando da potência do campo da arte, da comunicação e da política, busco desenvolver uma escuta apurada de si e do outro, que me auxilia nesse processo de tentar remodelar/disputar/desconstruir/retomar ou dobrar a linguagem, para sair da armadilha da representação, e chegar de fato, no acontecimento, a fim de compartilhar/contagiar mais pessoas e assim somar na busca por materializar outras formas de vida politicamente excluídas da cena e do jogo público.

Abaixo, apresento as etapas da construção desse trabalho, desde o momento inicial, *Enchendo a bola das Masculinidades Embucetadas*, através da produção e a apropriação da imagem cisgênera e heterossexista do *Gabigolzinho* para, a partir desse novo deslocamento, pautar a embolada de gênero no espaço urbano. Já no tópico do Pontapé Inicial compartilho as experiências das bolas em campo e para qual direção tais práticas foram sendo tocadas e/ou apontadas. Por fim, trago as principais reflexões, assim como apontamentos de que o jogo com as bolas das *Masculinidades Embucetadas* não termina nos *Minutos Finais*, comprometido que se encontra com as aberturas dentro do campo discursivo da norma.

2. ENCHENDO A BOLA DAS MASCULINIDADES EMBUCETADAS -  
PRODUÇÃO E APROPRIAÇÃO DA IMAGEM CISGÊNERA E HETEROSSEXISTA  
DO GABIGOLZINHO (CONSTRUÇÃO DA JOGADA)



FIGURA 1 – ENCHENDO A BOLA DAS MASCULINIDADES EMBUCETADAS  
FONTE: ACERVO PESSOAL, MARACANÃ/RJ, 2022

As questões e imposições de gênero começam a ser colocadas em prática desde a tenra infância, na medida em que as performatividades/repetições obrigatórias de gênero (BUTLER, 2003) vão se moldando, até chegar à fase adulta, em que essas questões encontram-se mais cristalizadas nas certezas quase intransponíveis de suas próprias ficções, automatizados que estão por desempenhar bem as regras, portarias e normativas impostas aos mesmos sujeitos durante toda sua vida.

Por isso, a forma e conteúdo da bola foi pensada para dialogar e abarcar todas essas idades. Desde a apropriação do formato clássico presente nos pentágonos (gomos) em preto e branco remetendo ao que foi responsável, nas primeiras transmissões televisivas do século XX, por distinguir e dar identidade visual à bola de futebol, agora trocadas pelas cores vermelho e preto, associados ao Flamengo – time de maior torcida do Brasil, e das práticas anteriores que me fizeram chegar a este trabalho.

Até a manipulação da imagem do personagem infantil Gabigolzinho, criado em 2020 pelo próprio jogador e “novo” ídolo do Flamengo, Gabriel Barbosa, mais conhecido como Gabigol. O atleta é dono de uma personalidade marcante que exala masculinidade em sua máxima potência: é marrento, brigão, artilheiro, mulherengo e provocador com os times rivais, ou seja, todas as características exemplares da masculinidade hegemônica e de um ídolo do futebol, equiparando-se a Zico, “antigo” ídolo do clube no século passado.

É importante pontuar que o Gabigol não é um homem branco e advindo da classe média, mas garante uma defesa da masculinidade hegemônica em suas práticas cotidianas, principalmente no momento que o consagra em campo, a hora do gol, onde performa e exhibe, sua marca registrada, a cara séria, braços erguidos mostrando o “muque” e balançando a cabeça, como quem expressa ar de força e poder da masculinidade.

A presença de Gabigol é constante nas mídias, blogs, sites de fofoca e redes sociais operam cobrindo o cotidiano e, em algumas situações, o passo a passo do jogador, conferindo-lhe notoriedade principalmente às suas polêmicas e dando destaque a seus antigos ou atuais relacionamentos heterossexistas, usando-os muitas vezes como justificativa para seus atos dentro e fora de campo, ou seja, quando fracassa a culpa é sempre das suas ex-mulheres (fig.2).



FIGURA 2 – COBERTURA DA MÍDIA SOBRE O GABIGOL  
FONTE: PRINTS DA INTERNET, 2022.

Com base nisso, não só a imagem cisgênera, masculina e heterossexista do Gabigolzinho é deslocada para o centro da bola nesse experimento, mas ainda a palavra EX-MULHER é colocada no peito do personagem (fig.3).



FIGURA 3 - APROPRIAÇÃO E MANIPULAÇÃO DA IMAGEM DO GABIBOLZINHO ENQUANTO CÓPIA DAS MASCULINIDADES EMBUCETADAS - EX-MULHER  
FONTE: ACERVO PESSOAL, 2022.

EX-MULHER, no senso comum, indica uma mulher que foi casada ou teve relações romântico/afetivas com alguém e, devido a uma separação, se torna uma ex-mulher de um

1. “Esse discurso foi proferido como uma intervenção na Women’s Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. Em uma reunião de clérigos onde se discutiam os direitos da mulher, Sojourner levantou-se para falar após ouvir de pastores presentes que mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens, porque seriam frágeis, intelectualmente débeis, porque Jesus foi um homem e não uma mulher e porque, por fim, a primeira mulher fora uma pecadora.” (<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>)

terceiro (a). Contudo, e se, em algum momento, a expressão é usada justamente para apontar a separação de si mesmo? Ou seja, EX-MULHER, para ilustrar a desistência da imposição do cis-tema sexo-gênero a um corpo embucetado e, por conta disso, marcado como mulher, desde antes do seu nascimento.

Foi através da ativista guarani Geni Nunez (2022) que primeiro colocou o termo EX-MULHER enquanto desistência do gênero colonial, para fazer uma série de reflexões sobre a colonialidade de gênero em relação às populações originárias que não se reconheciam sobre essas categorias, e ainda hoje não são legitimadas enquanto pertencentes 100% a elas.

Aqui, não esqueçamos do discurso de Sojourner Truth<sup>1</sup> no início do século XX, ao questionar numa conferência de mulheres, se ela, enquanto um corpo racializado, não seria uma mulher, pois tudo o que foi dito naquele espaço como não sendo ‘papel de mulher’, era realizado por ela ao longo de sua vida. Ou ainda, os apontamentos no meio do século XX da ativista lésbica Monique Wittig ao afirmar que a lésbica não é uma mulher, porque rompe com o regime binário da heterossexualidade.

O que essas pensadoras (Geni Nunez, Sojourner Truth e Monique Wittig) estão nos dizendo é que as categorias binárias de gênero colonial são principalmente vinculadas à questões da norma, ou seja, ser “mulher ou homem de

verdade” pressupõe pertencer a raça branca, ser cisgênero, ou dentro do que Butler (2003) chamou de pertencer a “matriz heterossexual”. De preferência, pertencer à classe média ou rica, assim como estar localizada no norte do globo e estar dentro de uma faixa etária e peso corporal padrão, isto é, para alguém ser considerado desse ou daquele gênero (e assim usufruir das benesses da normatividade) é preciso compor uma série de requisitos fundamentais, impossíveis de serem conquistados simultaneamente a todos os corpos.

Dito tudo isso, didaticamente, promovo o deslocamento da inteligibilidade do EX-MULHER na sociedade, no sentido de afirmar/subverter outras identidades de gêneros, vinculadas as transmasculinidades, à qual uma parcela significativa da população ainda insiste em dizer que não sabe ou não conhece a existência de tais sujeitos e não apenas como desistência do gênero colonial (NUNES, 2022).

EX-MULHER, portanto, para pôr em xeque/dúvida o cis-tema sexo-gênero do Gabigolzinho, confundindo a audiência que ao ver aquela imagem tão inteligível com um EX-MULHER ao centro do peito, envolto numa estrutura circular semelhante a ideia “original” que vi numa das bandeiras cravadas na Praia do Leme (fig. 4) onde antes aparecia os dizeres “PRAIA DO LEME”, no experimento foi trocado por “MASCULINIDADES EMBUCETADAS” e o “FLA LEME” por “EX-MULHER”.



FIGURA 4 - BANDEIRA COM A IMAGEM "ORIGINAL" DO GABIGOLZINHO  
FONTE: ACERVO PESSOAL, PRAIA DO LEME - RJ, 2022.

Imagem esta que remete às clássicas representações dos mascotes de times em diversas torcidas organizadas do Brasil, e é interessado nessa audiência de torcedores de futebol, que aqui esses signos passam a ser manipuladas e acrescida de elementos discursivos que remetem aos embates entre as "novas" e "antigas" identidade de gênero que, como foram apontadas no início desse texto, são encaradas enquanto resultado da imposição moderna e colonial/ocidental, no intuito de demonstrar como o debate das identidades e a lógica construída dos times de futebol, operam através do mesmo sentido. Não esqueçamos aqui as rivalidades, violências e mortes cometidas entre as torcidas de futebol.

Ao propor a escolha política nada fácil do retorno ao campo da norma, ou seja, do universo futebolístico brasileiro, masculinista, cisgênero e heterossexista, busco, na verdade, a visibilidade deste campo para ecoar os dilemas dos jogos das identidades na contemporaneidade, principalmente daquelas mais invisibilizadas e, por conseguinte, subalternizadas e/ou excluídas da cena pública. Assim, usando a metáfora do futebol como um lugar de formação de identidade e da masculinidade hegemônica, tenho a intenção de fazê-las dobrar sobre si mesmas, a fim de refletir sobre os principais dilemas das identidades - onde o comum formador da identidade não seja novamente usado para apagar e/ou excluir as diferenças em nome da unidade fundacional, mas que seja palco/estádio/suporte para devolvê-las a cena pública.

Usar a imagem do Gabigolzinho enquanto plataforma, suporte, para trazer a visibilidade pra outros jogadores, replicando essa imagem ao centro das mais de 100 bolas de futebol, através de serviços na internet de brindes personalizados para empresas, onde o “original” - o próprio corpo cis - hipervisível - neste jogo de performances e performatividade, vira “cópia”, parodia de gênero (BUTLER, 2003) para ‘embolar’ ainda mais e, como se diz no sertão, criar um outro “repente” de gramática de corpos, para que outras masculinidades ganhem terreno e lugar ao centro do campo, afinal a masculinidade nunca foi bem repartida por todes os corpos , principalmente os embucetados. (HALBENSTRAM, 2008).<sup>2</sup>

2. Recomendo também a leitura texto “Transfantasmagoria: uma breve transarqueologia da (in)visibilidade transmasculina. Entre a invisibilidade e a hipervisibilidade” do autor Ian Habib (2021).

Foram esses estímulos variados que me fizeram entender o apelo comunicativo desse conjunto de imagens que já circula no imaginário, podendo ser manipuladas e deslocadas para trazê-las como suporte de visibilidade - atenção pública - para dentro do universo das *Masculinidades Embucetadas* (fig.5).



FIGURA 5 - PRODUÇÃO DAS 100 BOLAS DAS MASCULINIDADES EMBUCETADAS ENVIADAS PELOS CORREIOS

Essa bola foi produzida depois de três negativas das empresas que busquei na internet, uma vez que todas elas tinham motivos cristãos em suas identidades visuais, seja nos sites ou nos contatos por whatsapp. O motivo era sempre o desconforto depois que enviava a imagem a ser aplicada sobre as bolas; as empresas deixaram de me responder, o que diz bastante acerca da mentalidade e de como opera a ideologia de gênero, pois poucas coisas fazem o capitalismo recusar executar seus serviços.

Por fim, depois de mais de três meses de tentativas, encontrei uma empresa que topou realizar a produção das bolas, que inclusive ao divulgar a bola das Masculinidades Embucetadas em suas redes sociais em formato de vídeo, adicionou a música *Paraíba Masculina Mulher Macho Sim Senhor* (1946), canção célebre de Luiz Gonzaga, e ainda me disse que já havia recebido pedidos com essa imagem do Gabigolzinho. E foi com essa música e vídeo promocional que sigo usando para abrir e finalizar os vídeos que divulgo esse trabalho nas redes sociais.

## 2.1 EXPERIÊNCIAS COM A BOLA EM CAMPO - (PONTAPÉ INICIAL)

O “pontapé inicial” é o momento mais importante de qualquer jogo, pois é a hora exata em que a bola começa a se mover dentro do campo, o abrir dos caminhos. Para que o “pontapé inicial” seja dado, é preciso que alguém o faça, e é sobre essas táticas de como disparar essa bola em campo que também compartilharei ao longo deste tópico. Assim como é importante ter em mente que a depender de como esse “pontapé inicial” é dado, o mesmo tem a capacidade de influenciar uma gama diferente de acontecimentos.

Num primeiro momento, acreditava que era necessário passar despercebido ao colocar as bolas no espaço público, ou seja, ela precisava parecer que sempre estivera ali, ou que foi deixada ou esquecida por alguém. Assim, carregava uma blusa para encobrir a bola, depois de enchê-la e discretamente

soltá-la ao chão. Ora fingia amarrar o sapato, ora usava algum elemento da cidade, podendo ser latas de lixo, batentes, bancas de jornais, ponto de ônibus, ou ainda da natureza como as árvores, para me esconder e dar um leve toque nela para que ganhasse sozinha a área.

Já para conseguir captar as imagens, sem que minha presença fosse notada ou associada à bola, utilizei uma câmera espiã, dessas bem pequenas que encontrei na internet, vinda da China, que colocava discretamente nos espaços ao redor e ficava no local esperando as interações, ou vendo-as sendo levadas embora.

Esta experiência exigiu uma demanda de tempo, paciência e escuta alongada dos espaços e das situações que são um tanto efêmeras e voláteis já que também é a vida acontecendo em profusão e tempo real. Afinal, desde o momento inicial, até os dias de hoje, se vão exatos nove meses, uma gestação completa e ainda falta um longo caminho pela frente.

Sobre as primeiras impressões, o que percebi de imediato é que muitas bolas sumiram rapidamente de vista, surpreendentemente, pois imaginei que elas ficariam um bom tempo sem destino, nas ruas. Da mesma forma que a interação com a masculinidade, de fato, foi imediata, enquanto que as leituras e interações sociais do feminino com a bola, foram bem mais pontuais e pautadas por momentos de censura por parte de pessoas em volta desses corpos, confirmando as expectativas/ordenamentos de gênero no espaço público.

Antes de continuar com essas análises, vamos por partes. Retomando, o “pontapé inicial” foi dado no calçadão de Copacabana – a praça pública carioca por excelência, no dia 04 de setembro de 2022 (fig. 6), era um dia de domingo e estava um clima chuvoso no ar. Compartilho a descrição textual que realizei imediatamente após deixar a primeira bola, em um bloco de anotações pessoais, pois acredito que traz as expectativas iniciais deste trabalho.

Num momento que estiou, Taliboy pegou a bola atravessou a rua em direção a barraca do pagode carioca, enquanto Roberta Nascimento, do outro lado da calçada, se posicionava para registrar o lance. Taliboy gentilmente retirou a bola do saco preto e a posicionou calmamente ao lado da lixeira que usou de proteção e disfarce para que o mínimo de pessoas notasse sua presença e da bola. Havia uma jogada ensaiada com Roberta que daria um passe na bola depois para deixá-la mais exposta no meio do campo, mas não foi preciso. Depois que atravessou a rua na direção de Roberta, mas ainda distante, já percebeu que a bola foi tocada por outro jogador em campo. Se regozijou ao ver uma embaixadinha rolando e, ali teve certeza que o material da bola era o ideal, assim como todo o trabalho, ideia e proposta, tudo super encaixado. Aliás, esse foi um trabalho do qual nem havia dúvida sobre esse quesito!!! Tudo incrivelmente certo e de acordo com o contexto. Realmente, a "arte" trabalha numa precisão surpreendente, próximo da divina comédia da vida que, no seu fluxo mais intenso e interno, nada falta e tudo se desfalca, num espetáculo da desordem que em nada se assemelha com ordem e progresso, mas que em tudo se transforma em movimento e nesse caso, em passe de bola!



FIGURA 6 – START: 1ª BOLA COLOCADA NO CALÇADÃO DE COPACABANA  
ROBERTA NASCIMENTO, ACERVO PESSOAL, 2022.

E assim se inicia essa partida de futebol para além dos campos da norma. Até o momento em que esse texto é escrito, mais de 70 bolas foram espalhadas por diversas zonas (regiões locais) do Rio de Janeiro, principalmente a zona norte - onde moro - zona sul e no centro da cidade. Em março de 2023, período em que também escrevo esse texto, faltam quase 30 bolas a serem colocadas nos espaços urbanos do Rio de Janeiro - RJ. Neste momento priorizarei a zona oeste e a linha do trem que atravessa a cidade e leva para outros municípios que compõem a Grande Rio. Importante pontuar também que, dessas 30 últimas bolas, resolvi adicionar um e-mail: [emboladadegênero@gmail.com](mailto:emboladadegênero@gmail.com) (fig. 7), como parte do que pode vir a ser um terceiro momento do trabalho, para assim seguir abrindo canais de diálogos, por onde os efeitos dessa bola possa ainda circular e revelar.



FIGURA 7 - E-MAIL: EMBOLADADEGENERO@GMAIL.COM; ADICIONADO ÀS BOLAS  
FONTE: ACERVO PESSOAL, 2023.

Voltando às etapas do experimento, o segundo momento de ruptura aconteceu num pequeno gesto de rebeldia contra as próprias táticas desenvolvidas até então. Em meados de dezembro de 2022, ao deixar uma bola no ponto turístico da famosa escadaria de Selarón, próximo aos Arcos da Lapa, segui com mais uma bola para colocar em outro lugar nas redondezas do centro do Rio de Janeiro. Eis que me deparo com um supercruzamento, lugar de encruzilhada, ao lado de uma banca de jornal. Ali coloco a bola no chão e num rompante sou invadido por uma vontade de dar um chute bem forte daqueles para levar a bola para a grande área e assim deixar, ver se ela balança alguma rede por aí.

3. Morador da rua  
que por ali passava.

E foi exatamente isso que aconteceu. A bola primeiro bateu no carro, o que a fez mudar sua direção, em seguida, caiu do outro lado do cruzamento (fig. 8), nos pés do “dono da rua”<sup>3</sup> que assim a pegou e seguiu seu rumo. De imediato sabia que, nesse simples gesto, além de muito prazeroso, havia outras tantas possibilidades que o trabalho poderia apontar.



FIGURA 8 - MOMENTO DA ENCRUZILHADA E MUDANÇA DA DIREÇÃO DO TRABALHO  
ARCO DA LAPA, RIO DE JANEIRO/RJ, ACERVO PESSOAL, 2022.

Assim, segui com a ideia latente de interagir mais com a bola no pé dentro do campo urbano. Em meados de janeiro de 2023, ao realizar um lambe com as mesmas imagens do Gabigolzinho, novamente na rua da Escadaria de Selarón, na Lapa, que ao invés de ter apenas o EX-MULHER na camisa, trouxe a mescla com outras identidades das Masculinidades Embucetadas como GRELO-DURO, BOYCETA, HOMEM TRANS, SAPATÃO, etc, e coleí várias dessas imagens juntas, em diversos pontos da cidade (fig. 9).



FIGURA 9 – LAMBES VARIADOS COM A MESMA IMAGEM DO GABIGOLZINHO  
FONTE: ACERVO PESSOAL, 2022-2023. AV. 28 DE SETEMBRO VILA ISABEL E RUA DA  
ESCADARIA DE SELERÓN, LAPA, RIO DE JANEIRO/RJ

Voltando à rua da Escadaria de Selarón, trazia na mochila algumas bolas para colocar nas áreas do lambe, como tinha em mente, e, dessa forma, conseguir pegar algumas imagens que trouxessem em conjunto tanto a bola quanto os lambes. E assim o fiz. Ao todo foram colocadas 4 bolas. Rapidamente e devido ao grande fluxo da rua, a cada bola que colocava em menos de 5 minutos, ela desaparecia. Havia um ambulante que estava nas áreas desde o momento inicial quando ali cheguei, ele começou a flagrar a situação e associar a presença das bolas com minha presença; Eis que na última bola (fig. 10), ele resolveu interagir, veio na minha direção perguntando se era eu que estava colocando-as, pois ‘volta e meia’ aparecia uma bola nova ali.



FIGURA 10 - INTERAÇÃO ENTRE O AMBULANTE E A BOLA  
ACERVO PESSOAL, 2023. RUA DA ESCADARIA DE SELERON, RIO DE JANEIRO/RJ.

Ele me disse também que levaria para seu filho pequeno, incentivei a assim o fazer, e naturalmente iniciamos também um diálogo corporal, quando percebi, estava dentro do campo visual da câmera, interagindo com ele. Diversas pessoas que ali passavam também entravam no

jogo, tocando a bola e fazendo novamente ela voltar para nossos pés. Foi um momento bem interessante, inclusive acabou quando tomei uma queda (fig.11) e logo ouvi alguém falar “ela pisou na bola”, realmente achei a situação toda engraçada, são ossos do ofício da “embolada de gênero”, pois não me vejo mais como “ela”; Isso me lembra que, nesse mesmo dia, ouvi de outro trans(j)eunte, ao mirar os cartazes do Gabilgolzinho com as camisas das Masculinidades Embucetadas, que ali era a imagem de um “Gabibixa”. Me levantei com a ajuda da audiência, agradei, me despedi do brother com quem estava jogando e segui para outras bandas.



FIGURA 11 - MOMENTO EM QUE EU ENTREI DENTRO DO CAMPO VISUAL DO TRABALHO E TAMBÉM PISEI NA BOLA ACERVO PESSOAL, 2023. RUA DA ESCADARIA DE SELERON, RIO DE JANEIRO/RJ.



FIGURA 11 – MOMENTO EM QUE EU ENTREI DENTRO DO CAMPO VISUAL DO TRABALHO E TAMBÉM PISEI NA BOLA ACERVO PESSOAL, 2023. RUA DA ESCADARIA DE SELERON, RIO DE JANEIRO/RJ.

Depois dessa experiência, entendi que não precisava me esconder para que o trabalho acontecesse, já que havia mais interação, inclusive, quando chegava no espaço público com a bola no pé.

A diferença agora é que o “babado” ficou mais intenso, chegando ao ponto de alguns momentos ter que guardar a bola para deslocar de um ponto a outro, quando estava apenas com uma bola e tinha a intenção de prolongar a ação, ou desencanar e deixá-la seguir seu rumo, objetivo central do trabalho, como quando aconteceu também na Lapa, em janeiro de 2023 no encerramento da Bienal da UNE (fig. 12), em que fui embora e deixei a bola com uma multidão que nem se lembrava mais quem trouxe ela até ali. Na ocasião, me retirei mais feliz com as possibilidades dos encontros, e das continuações do trabalho, ao olhar para trás, já perto de subir na bicicleta, e avistar a bola lá longe subindo e descendo no ar.



FIGURA 12 – BOLA NOS ARCOS DA LAPA - BIENAL DA UNE  
FONTE: ACERVO PESSOAL, 2023.

Sobre essa nova forma de ativar os espaços e a bola poderia descrever várias situações inusitadas, mas focarei nos momentos que julgo mais curiosos. Como quando descobri que precisava voltar à sede do quartel na Tijuca, onde em meados de outubro de 2022, já havia deixado uma bola. Esse quartel, era um espaço que me intrigava desde o primeiro momento que por ali passei, antes mesmo de imaginar que realizaria esse trabalho, seja pela ostentação de sua fachada, ou pelos dizeres: “O BERÇO DA POLICIA DO EXERCITO DO BRASIL”, ou ainda pelo banner com militares de diferentes patentes em que se afirmavam o “ONTEM, HOJE E SEMPRE” (fig. 13), que diz muito sobre discussões de identidade que primam pelo conservadorismo e essencialismo, também me chamou a atenção a quantidade de corpos militares à vista em plena luz do dia, exibindo com orgulho armamentos e o brio da masculinidades militar tão comum em nosso território latino americano.



FIGURA 13.1 - FACHADA DO QUARTEL MILITAR DA TIJUCA (ANTIGA SEDE DO DOI-CODI)  
FONTE: ACERVO PESSOAL, 2022.



FIGURA 13.2 – FACHADA DO QUARTEL MILITAR DA TIJUCA (ANTIGA SEDE DO DOI-CODI) FONTE: ACERVO PESSOAL, 2022.

Algum tempo depois, pesquisando na internet descobri que ali funcionou o antigo Doi-Codi, espaço institucional cívico-militar responsável pelas torturas dos presos políticos na época da ditadura militar no Brasil (1964-1985). Ao saber dessa informação fiquei ainda mais perplexo com aquele local e tive a certeza que precisaria voltar ali para pegar mais imagens do espaço e ativar mais bolas. Assim, retornei em fevereiro de 2023 com o coração na mão, coloquei a câmera a postos e segui com a bola no pé do lado oposto e em frente a uma parte lateral da fachada do quartel. A priori fiquei fazendo embaixadinhas do outro lado da rua, brincando com a bola e sentindo o melhor momento para dar outro chute bem forte que conseguisse colocar ela lá dentro do quartel, onde pude observar que estavam dois militares fazendo a ronda e também já me flagravam no espaço. O meu intuito era que, de alguma forma, eles interagissem com a bola. Foi isso que respondi a eles ao atravessar a rua para recolher novamente a bola e tomar uma advertência dos ‘milicos’ em questão (fig.14).



FIGURA 14 - CHUTANDO A BOLA DAS MASCULINIDADES EMBUCETADAS PARA DENTRO DO QUARTEL DO 1º BATALHÃO DE POLÍCIA DO EXÉRCITO (ANTIGO DOI-CODI)  
FONTE: ACERVO PESSOAL, 2023.

Outro momento importante, repleto de afeto e reconhecimento social, aconteceu na Praia do Leme, no dia 29 de janeiro, dia da Visibilidade Nacional Transvestigênera, quando a Liga Transmasculina João Nery organizou o “Ocupa Leme: Pelo direito de existir em todos os espaços”. Apesar de não conhecer ninguém da Liga Transmasculina, acompanhava

à distância, através das redes sociais, desde que morava na Bahia, e tinha muita vontade de me aproximar dela, então aproveitei o ensejo da ocasião e a presença da bola da Masculinidade Embucetada, para não sentir que chegava só na praia naquele dia. Logo na entrada conheci Gabriel Van, que muito bem me recebeu e num tom premonitório disse que a bola faria sucesso com a galera que estava para chegar. Por fim, fui embora depois de participar de uma bela roda construída no intuito de não deixar a bola cair no chão, composta por pessoas trans que encheram e renovaram meu coraçõzinho de afeto (fig. 15).



FIGURA 15 - INTERAÇÃO COM A BOLA NO DIA NACIONAL DE VISIBILIDADE TRANS -  
“OCUPA LEME: PELO DIREITO DE EXISTIR EM TODOS OS ESPAÇOS”  
FONTE: RAI DO VALE, PRAIA DO LEME, 2023.

Nordestino que sou, não poderia deixar de narrar o encontro casual, na Avenida Presidente Vargas - essa mesmo que foi palco das grandes manifestações da Direta Já (1984), e que desde a primeira vez que pisei nela, senti muitas coisas estranhas e ao mesmo tempo familiar - com toda a alegoria da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, que nesse ano de 2023 se consagrou campeã ao homenagear Lampião, ícone da masculinidade contra-hegemônica do sertão.

Logo que avistei o carro alegórico que marcou o carnaval, ao trazer sua filha Expedita Ferreira, nascida em Sergipe, mesmo território do qual partiu minha família paterna rumo à Bahia, e levou consigo tantas histórias sobre Lampião, Maria Bonita e seu bando que na infância cresci escutando.

Completamente emocionado com aquela visão, parei imediatamente a bicicleta, peguei a câmera e posicionei no chão para registrar minha chegada com a “bola no pé”. Tão logo um rapaz que estava na manutenção do carro alegórico se aproximou e ficamos trocando passes com a bola, ele parecia estar se divertindo bastante, não parava de dizer aos amigos em volta a surpresa daquela situação (fig. 16).

Contudo, ao chegar em casa, assistindo as imagens, escuto na gravação, a voz de uma mulher, que não aparece nas imagens, reforçada por outra pessoa, proferindo ataques xenofóbicos quando se refere de maneira depreciativa aos traços físicos do povo nordestino, dizendo coisas do tipo: “esses paraíbas do caralho, olha a cara de filha da puta”.



FIGURA 16 - EM FRENTE AO CARRO ALEGÓRICO DO LAMPIÃO DA ESCOLA DE SAMBA IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE FONTE: ACERVO PESSOAL, 2023. AV. PRESIDENTE VARGAS, RIO DE JANEIRO - RJ.

Nesses embates entre as “novas” e “antigas” identidades de gênero vinculadas às *masculinidades embucetadas*, assim como nos duelos diretos com as masculinidades hegemônicas e também com as outras masculinidades subordinadas presentes no espaço público da rua, não poderia deixar de saudar o velho e bom Zé Pelintra, presença que sinto forte desde a primeira vez que pisei nas ruas do Rio de Janeiro/RJ também buscando, entre tantas urgências primárias de sobrevivência, curar uma dor de amor romântico. Foi imbuído do máximo respeito a essas outras formas de masculinidades não-brancas, negras, originárias, nordestinas, empobrecidos pelo cis-tema do capital, que me dirigi ao seu altar, nos pés dos Arcos da Lapa, e fui recebido pelos seus companheiros, que num gesto de espontaneidade, do jogo, da brincadeira, do inusitado, da representação corporal, “pariu” a bola das *Masculinidades Embucetadas* (fig. 17).

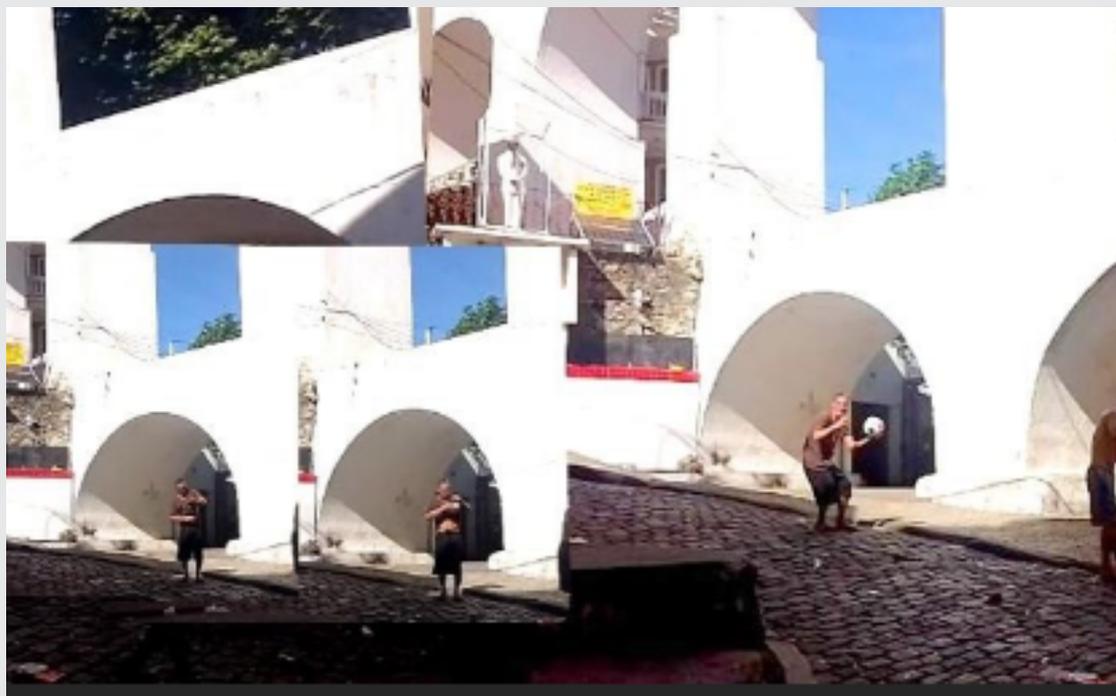


FIGURA 17 – SAUDANDO O BOM E VELHO ZÉ PELINTRA  
FONTE: ACERVO PESSOAL, ARCOS DA LAPA, 2023.

Por fim, o que surgiu num primeiro momento, com o objetivo de pregar peças e/ou deboche dentro da normatividade com o desenrolar desse trabalho e prática, observei que camadas mais profundas foram sendo acessadas, criando espaços, zonas momentâneas de indiscernibilidade e sociabilidade, não apenas para as pessoas ao meu redor, mas principalmente voltou-se para quem o concebeu, e trouxe a si mesmo, para o centro dessa bola, seja enquanto parte das **Masculinidades Embucetadas** ou como responsável pelas escolhas territoriais e pelo pontapé inicial no campo expandido da cidade.

Como apontei na abertura deste texto, e dito agora de uma outra forma, este trabalho surgiu do impacto/tremor que sentir ao ver pela primeira vez um homem trans com 100% de passabilidade cisgênera. O que se moveu a partir daí é o que segue me movendo agora por essas terras, Rio de Janeiro-RJ, tenho começado a compreender que essa mudança de perspectiva que um corpo transgênero carrega em si, talvez seja mais fácil aceitar as masculinidades, inclusive aquela que me habita e do qual venho a tantos anos em conflito e contradição.

### 3. MINUTOS FINAIS - (AGUENTA CORAÇÃO!)

Assim, nesses últimos experimentos, tenho levado comigo uma bola vazia na mochila - como quem carrega consigo as principais questões/angústias que têm me acompanhado nesses últimos anos. Tenho aprendido ao longo do caminho e das pesquisas em artes dentro da academia, que a melhor forma de resolver uma questão é “seguir com el problema” (HARAWAY, 2019), então, além de carregar essa bola/problema, tenho criado meus pequenos rituais de sentido, seja quando saio em busca de romper o meu espaço interno, como quem busca aquele amigo do peito que enche a nossa bola, ou como quem carrega consigo seu amuleto da sorte. Ou ainda aquelas palavras sussurradas que mantêm nosso corpo fechado, os gestos simples e nobres que nos protegem, assim como abrem nossos caminhos nos apontando direções a serem seguidas.

Bolas vazias na mochila que a qualquer momento podem ser ativadas em meio às interações sociais, buscando outros espaços na cidade que colaborem para a visibilidade das *Masculinidades Embucetadas*, seja nas saídas das mais diversas, para apresentar um trabalho na Universidade, ou até para caminhar pela cidade, num fim de tarde qualquer tocando a bola com o pé para se distrair e a partir daí interagindo com várias pessoas que, por ventura atravessam o nosso caminho e assim se sentem instigadas também a tocarem na bola. Ou ainda, ir a eventos culturais diversos, ao centro da cidade para resolver alguma questão e saber que tem companhia nos momentos de espera e solidão.

Essas bolas já é presença também nos meus ambientes oníricos, volta e meia quando aparecem no meu sonho, lá vou eu seguindo elas, com um olhar atento e sempre me preocupando se estou registrando esses momentos, convicto até mesmo em sonhos de que, quando uma dessas bolas aparecem em campo é presságio de aberturas, e é preciso segui-la com aquela escuta apurada da “potência do imediato da experiência”, que é por meio dessas escutas/registros/partilhas da vida acontecendo in locus, tanto no âmbito pessoal, quanto do social, que essas aberturas se materializam. Afinal, é entre o “eu” e o “outro” que quase tudo acontece, inclusive, a possibilidade de reexistir pautando as nossas diferenças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Guilherme. Homens trans: novos matizes na aquarela das masculinidades? Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, maio de 2012. ISSN 1806-9584 » <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200012>. Acesso em 15.janeiro.2023.

ÁVILA, Simone. FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: A emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo. 2014. 243 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BULTLER, Judith. Problemas de gênero. Editora: Civilização Brasileira. 21ª edição, 2003.

HABIB, Ian. Transfantasmagoria: uma breve transarqueologia da (in) visibilidade transmasculina. In: Benevides, Bruna G. Prólogo. São Paulo: Editora Monstra, 2021. p.26-53.

HALBERSTAM, Judith. Masculinidad femenina. Barcelona-Madrid: EGALES, 2008.

HARAWAY, Donna J. Seguir con el problema: Generar parentesco en el Chthuluceno. Editora: Consonni, 2019

NUNEZ, Geni, 2022. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CYPtAghvzlx/>>. Acesso em 25. março.2022

PRECIADO, Paul. Um Apartamento em Urano: Crônicas de travessia. Aguiar, Eliana (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020

TALIBOY. Relato de experiência enquanto escrita de artista: Reflexões acerca da prática visual do trabalho Masculinidades Embucetadas no contexto de Arte, Sujeito e Cidade. Revista Estudos Transviades, Rio de Janeiro-RJ, v.3, n.6, p.87-111, novembro, 2022. Disponível em <<https://revistaestudostransviades.wordpress.com/2022/11/09/518/>>. Acesso em 15/01/23.

# TALIBOY

Taliboy nomeia-se como EX-MULHER, pessoa TRANS-MASCULINA e SAPATÃO. É também ativista urbano e pesquisador em artes. Mestre em Processos Criativos pelo Programa de Artes Visuais da UFBA (2021). Graduado em Comunicação Social pela UFBA (2010). Atualmente (2022) está como doutorando no programa de Arte e Cultura Contemporânea da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGArtes-UERJ). Sua poética é pautada pela fronteira entre arte e ativismo na contemporaneidade, tendo como espaço de ação as cidades por onde transita, assim como o feminismo e as questões das identidades vinculadas aos marcadores sociais da diferença.

